

Características da Ciberviolência entre Parceiros Íntimos Jovens: Uma Revisão de Escopo

Characteristics of Cyber Violence among Young Intimate Partners: A Scoping Review

Características de la Ciberviolencia entre Jóvenes Parejas Íntimas: Revisión de escopo

Thammy Novakovski
Rafaela Gessner Lourenço
Tatiane Herreira Trigueiro
Raquel Tavares

RESUMO

O objetivo desta pesquisa foi analisar a produção científica produzida sobre as características da ciberviolência entre parceiros íntimos jovens e adolescentes. Revisão de escopo realizada nas plataformas PUBMED/Medline, CINAHL, Scopus e PsycINFO. Foram selecionados estudos primários, empíricos, quantitativos e qualitativos. A análise se deu à luz da categoria analítica gênero. Foram incluídos 21 artigos em inglês, publicados entre 2019 e 2022, abrangendo diversas bases de dados, com oito na Scopus, seis na CINAHL, cinco na PUBMED e dois na Psyc INFO. Quanto à metodologia, 16 artigos foram de natureza quantitativa, três foram qualitativos e dois utilizaram métodos mistos. A análise desses artigos revelou que a ciberviolência é uma realidade enfrentada por adolescentes e adultos jovens, independentemente do sexo, em diferentes países e pode ocorrer em relacionamentos íntimos ou sexuais, envolvendo comportamentos de controle, agressão, abuso sexual baseado em imagens e assédio. As ferramentas digitais reproduzem e ampliam estereótipos de gênero, com impactos físicos, psicológicos e econômicos. Por isso, a categoria gênero desempenha papel importante na análise do fenômeno. Este estudo destaca a necessidade de ações de saúde focadas nos jovens, incluindo a ciberviolência como um aspecto a ser abordado, visando mitigar os impactos negativos dessa violência em suas vidas.

Palavras-chave: Violência por Parceiro Íntimo, Saúde de Gênero, Adolescente, Adulto Jovem

ABSTRACT

The objective of this study is to analyze the scientific production on the characteristics of cyber violence among young and adolescent intimate partners. A scope review was conducted on the platforms PUBMED/Medline, CINAHL, Scopus, and PsycINFO. Primary, empirical, quantitative, and qualitative studies were selected. The analysis was carried out in the light of the gender analytical category. Twenty-one articles in English published between 2019 and 2022 were chosen, covering various databases, with eight in Scopus, six in CINAHL, five in PUBMED, and two in PsycINFO. Regarding the methodology, 16 articles were of quantitative nature, three were qualitative, and two used mixed methods. The analysis of these articles revealed that cyber violence is a reality faced by adolescents and young adults, regardless of gender, in different countries, and can occur in intimate or sexual relationships, involving behaviors of control, aggression, image-based sexual abuse, and harassment. Digital tools reproduce and amplify gender stereotypes, with physical, psychological, and economic impacts. Therefore, the gender category plays an important role in the analysis of the phenomenon. This study highlights the need for health actions focused on young people, including addressing cyber violence as an aspect to be approached, aiming to mitigate the negative impacts of this violence on their lives.

Keywords: Intimate Partner Violence, Gender and Health, Adolescent, Young Adult

RESUMEN

Objetivo: Analizar la producción científica sobre las características de la ciberviolencia entre parejas jóvenes. Método: Revisión de alcance realizada en las plataformas PUBMED/Medline, CINAHL, Scopus y PsycINFO. Se seleccionaron estudios primarios, empíricos, cuantitativos y cualitativos. El análisis se centró en la categoría

analítica de género. Resultados: Se eligieron 21 artículos en inglés, publicados entre 2019 y 2022, que abarcaron diversas bases de datos, con ocho en Scopus, seis en CINAHL, cinco en PUBMED y dos en Psyc INFO. En cuanto a la metodología, 16 artículos fueron de naturaleza cuantitativa, tres fueron cualitativos y dos utilizaron métodos mixtos. El análisis de estos artículos reveló que la ciberviolencia es una realidad enfrentada por adolescentes y adultos jóvenes, independientemente del sexo, en diferentes países y puede ocurrir en relaciones íntimas o sexuales, involucrando comportamientos de control, agresión, abuso sexual basado en imágenes y acoso. Consideraciones Finales: Las herramientas digitales reproducen y amplían estereotipos de género, con impactos físicos, psicológicos y económicos. Por lo tanto, la categoría de género desempeña un papel importante en el análisis del fenómeno. Este estudio destaca la necesidad de acciones de salud enfocadas en los jóvenes, incluida la ciberviolencia como un aspecto a abordar, con el objetivo de mitigar los impactos negativos de esta violencia en sus vidas.

Palabras clave: Violencia de Pareja, Género y Salud, Adolescente, Adulto Joven.

INTRODUÇÃO

A Violência entre Parceiros Íntimos (VPI), que ocorre no contexto de relações afetivas ou sexuais, é uma forma significativa de violência que traz consequências destrutivas tanto para as vítimas quanto para os perpetradores. Pesquisas apontam que a maioria dos casos de VPI é perpetrada por homens com quem as mulheres têm relacionamentos afetivos, embora seja importante ressaltar que a violência também pode ser praticada por mulheres^(1,2).

As consequências negativas da VPI abrangem áreas como saúde, educação, trabalho e bem-estar econômico de indivíduos, famílias, comunidades e sociedades em geral ^(3,4). Portanto, a VPI representa uma grande preocupação no campo da saúde, já que está associada a problemas como depressão, abuso de substâncias, infecções sexualmente transmissíveis, lesões físicas, isolamento social, dificuldades no autocuidado e morte ^(5,6).

O advento e crescimento dos meios de comunicação digitais permitiram que a tecnologia assumisse importante forma de interação íntima entre os jovens. Dessa forma, as Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) se tornaram um meio para perpetradores de violência exercerem controle sobre seus parceiros ⁽⁷⁾. Essa forma de violência, que ocorre no ambiente online, é conhecida como ciberviolência e, muitas vezes, é o primeiro indício de violência em relacionamentos íntimos. Seus objetivos incluem o controle, exposição, assédio, coerção, pressão, monitoramento, ameaça e perseguição de parceiros íntimos por meio das tecnologias e mídias ^(8,9). Ao investigá-la e detectá-la precocemente, é possível prevenir casos mais graves ⁽¹⁰⁾.

Uma pesquisa realizada nos EUA, que envolveu 2.810 americanos com 15 anos ou mais, mostrou que 12% dos entrevistados sofreram pelo menos uma forma de ciberviolência ⁽¹¹⁾. Outras pesquisas demonstraram que cerca de 50% dos estudantes universitários relataram

ser vítimas ou perpetradores de abuso de parceiro íntimo através de tecnologias de comunicação^(9, 12, 13).

Para compreender as possibilidades de enfrentamento da ciberviolência entre parceiros íntimos jovens, faz-se necessário conhecer as características dessa problemática. A partir disso, foi estruturada a questão norteadora: Quais as características da ciberviolência entre parceiros íntimos jovens? Para isso, o estudo apresenta como objetivo: Analisar a produção científica produzida sobre as características da ciberviolência entre parceiros íntimos jovens.

Esta revisão é justificada pela necessidade de consolidar dados sobre a ciberviolência entre jovens parceiros íntimos, a fim de identificar sua prevalência⁽¹⁴⁾, fatores de risco⁽¹⁵⁾ e, especialmente, preencher uma lacuna na literatura ao compreender como suas características, analisadas sob a perspectiva de gênero, podem contribuir para o desenvolvimento de intervenções efetivas no enfrentamento desse problema.

MÉTODO

Trata-se de revisão de escopo de acordo com o proposto pelo Instituto Joanna Briggs (JBI) foram seguidas as recomendações do PRISMA-ScR (*PRISMA extension for Scoping Reviews*). A pergunta de pesquisa foi construída utilizando a estratégia PCC, que preconiza como elementos fundamentais o mnemônico: P – População; C- Conceito e C- Contexto. Sendo: P (jovens e adolescentes); C (ciberviolência entre parceiros íntimos); C (âmbito da internet). A partir disso, foi elaborada a pergunta de pesquisa: “Quais as características da ciberviolência entre parceiros íntimos jovens e adolescentes?”

Foram incluídos neste estudo a população adolescente, que compreende o intervalo entre dez e dezenove anos de idade, conforme definição da Organização Mundial de Saúde (OMS)⁽¹⁶⁾, e a população jovem, que engloba, segundo o Estatuto da Juventude⁽¹⁷⁾, indivíduos com idade entre 15 e 29 anos.

Foram incluídos artigos originais derivados de pesquisa primária, que respondessem à pergunta de pesquisa, estivessem disponíveis na íntegra em meio online, e que tivessem sido realizados nos últimos cinco anos. Justifica-se esse período devido a publicação da Lei Federal 13.718/18, conhecida como Lei de Importunação Sexual e que torna crime a divulgação não autorizada de conteúdo com cena de nudez ou ato sexual de caráter íntimo e privado⁽¹⁸⁾. Não foi necessário definir critérios de exclusão.

A etapa da identificação dos estudos relevantes se deu nas plataformas: *MEDLINE*, *CINAHL*, *Scopus* e *PsycINFO*, devido à sua abrangência no contexto internacional. Foi elaborada uma estratégia de busca através do uso de descritores presentes nos títulos, resumos e nas palavras-chave de artigos relevantes sobre o assunto. Essa estratégia foi adaptada para cada base de dados pesquisada, como mostra o quadro dois. Foram aplicados filtros com o objetivo de refinar a busca e o idioma não foi limitado na busca.

Após a obtenção dos resultados das buscas, os artigos selecionados foram importados para o software Mendeley para gerenciamento de referências. O software foi utilizado para identificar e remover trabalhos duplicados. Os estudos, então, foram transferidos para o Rayyan (*Qatar Computing Research Institute*, Doha, Qatar), um aplicativo de software gratuito e online para web e dispositivos móveis, que permite a colaboração cega entre revisores e aprimora a triagem de dados.

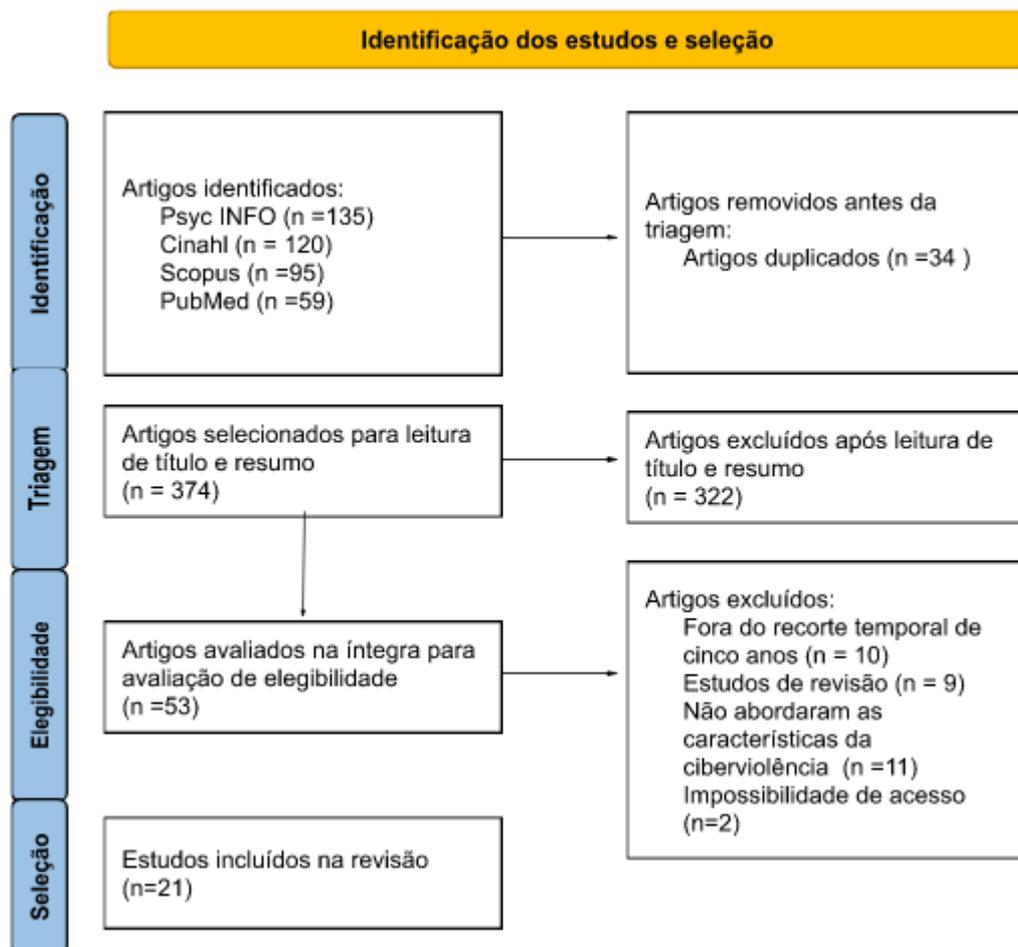
Os títulos e resumos selecionados foram lidos e analisados pelo pesquisador responsável para identificar os elegíveis para a revisão. Em seguida, os estudos incluídos foram lidos na íntegra e o mapeamento dos dados foi realizado através de uma planilha para caracterizar a produção, incluindo título, autores, ano, local e periódico de publicação, delineamento, objetivo, método, principais resultados, características da ciberviolência, questões de gênero identificadas e interface com a saúde. As dúvidas que surgiram nesse processo foram dirimidas por reunião de consenso entre os autores.

Os dados foram submetidos à análise de conteúdo temática à luz da categoria analítica gênero, que se baseia na compreensão das diferenças sociais construídas entre homens e mulheres, que são constitutivas das relações sociais e da forma como as relações de poder são significadas e articuladas ⁽¹⁹⁾.

RESULTADOS

Foram encontrados 409 artigos, destes, 34 eram repetidos. A partir da revisão de títulos e resumos, foram excluídos 322 artigos. Para leitura integral foram selecionados 53 artigos. Foram excluídos os estudos que não respondiam ao critério de tempo, aqueles com impossibilidade de acesso, os que não abordavam características da ciberviolência e os quais se tratavam de revisão de literatura. Foram selecionados 21 artigos para compor a revisão. A descrição das buscas e a seleção dos artigos foi baseada no PRISMA-ScR (Figura 1).

Figura 1. Diagrama de fluxo da seleção dos artigos da revisão, segundo o PRISMA-ScR, Curitiba, Paraná, 2023.



Fonte: Elaboração própria a partir do fluxograma PRISMA - ScR

O Quadro 1 mostra as publicações selecionadas. A maior parte dos estudos foi publicada na Espanha (n=9), seguido dos Estados Unidos (n=6), e do Reino Unido (n=3). Um dos estudos incluídos na revisão foi realizado em três países: Reino Unido, Austrália e Nova Zelândia. Canadá, Dinamarca, Indonésia e Jordânia produziram um estudo cada. A linguagem das produções foi o inglês (n= 21 artigos).

Quadro 1. Descrição dos estudos incluídos na revisão (n=21)

AUTORES	TÍTULO	PAÍS DE ORIGEM	PERIÓDICO	ANO
Rocío Linares, María Aranda, Marta García-Domingo, Teresa Amezcua, Virginia	<i>Cyber-dating abuse in young adult couples: Relations with sexist attitudes and violence justification, smartphone usage and impulsivity</i>	Espanha	<i>PLoS ONE</i>	2021

Fuentes, María Moreno-Padilla				
Fiolet, Renee; Brown, Cynthia; Wellington, Molly; Bentley, Karen; Hegarty, Kelsey	<i>Exploring the Impact of Technology-Facilitated Abuse and Its Relationship with Domestic Violence: A Qualitative Study on Experts' Perceptions</i>	Austrália	<i>Global Qualitative Nursing Research</i>	2021
María-Jesús Cava, Inés Tomás, Sofía Buelga, Laura Carrascosa	<i>Loneliness, Depressive Mood and Cyberbullying Victimization in Adolescent Victims of CyberDating Violence</i>	Espanha	<i>International Journal of Environmental Research and Public Health</i>	2020
Salerno-Ferraro, Alisha C; Erentzen, Caroline; Schuller, Regina A;	<i>Young Women's Experiences With Technology-Facilitated Sexual Violence From Male Strangers</i>	Canadá	<i>Journal of Interpersonal Violence</i>	2021
María José Díaz-Aguado, Rosario Martínez-Arias	<i>Types of Male Adolescent Violence Against Women in Three Contexts: Dating Violence Offline, Dating Violence Online, and Sexual Harassment Online Outside a Relationship</i>	Espanha	<i>Frontiers in psychology</i>	2022
Wirawan, Gede Benny Setia; Hanipraja, Magdalena Anastasia; Chrysanta, Gabrielle; Imtaza, Nadya; Ahmad, Karima Taushia; Marlina, Inda; Mahendra, Dimas; Larosa, Alvin Theodorus	<i>Anxiety and prior victimization predict online gender-based violence perpetration among Indonesian young adults during COVID-19 pandemic: cross-sectional study</i>	Indonésia	<i>Egyptian Journal of Forensic Sciences</i>	2022
Abby R. Phillips Regina, Saskatchewan	<i>Examining the perceived harms of digital dating abuse: A university sample</i>	Canadá	<i>Journal of Youth Studies</i>	2022
Mandau, MBH	<i>"Snaps", "screenshots", and self-blame: A qualitative study of image-based sexual abuse victimization among adolescent Danish girls</i>	Dinamarca	<i>Journal of Children and Media</i>	2020
Ruvalcaba, Y; Eaton, A A;	<i>Nonconsensual pornography among U.S. adults: A sexual scripts framework on victimization, perpetration, and health correlates for women and men</i>	Estados Unidos	<i>Psychology of Violence</i>	2020
Villora, B; Navarro, R; Yubero, S;	<i>The Role of Social-Interpersonal and Cognitive-Individual Factors in Cyber Dating Victimization and Perpetration: Comparing the Direct, Control, and Combined Forms of Abuse</i>	Espanha	<i>Journal of Interpersonal Violence</i>	2021
Lozano-Martinez, Josefina; Castillo-Reche, Irina Sherezade; Morales-Yago, Francisco Jose; Ibáñez-López, Francisco Javier;	<i>Control Violence Begins in Adolescent Dating: A Research from Students' Perception</i>	Espanha	<i>International journal of environmental research and public health</i>	2022

Powell, A; Scott, A J; Flynn, A; McCook, S;	<i>Perpetration of Image-Based Sexual Abuse: Extent, Nature and Correlates in a Multi-Country Sample</i>	Reino Unido, Austrália e Nova Zelândia	<i>Journal of Interpersonal Violence</i>	2022
Alsawalqa, Rula Odeh;	<i>Evaluating Female Experiences of Electronic Dating Violence in Jordan: Motivations, Consequences, and Coping Strategies</i>	Jordânia	<i>Frontiers in psychology</i>	2021
Hinduja, S; Patchin, J W;	<i>Digital Dating Abuse Among a National Sample of U.S. Youth</i>	Estados Unidos	<i>Journal of Interpersonal Violence</i>	2020
Walker, K; Sleath, E; Hatcher, R M; Hine, B; Crookes, R L;	<i>Nonconsensual Sharing of Private Sexually Explicit Media Among University Students</i>	Reino Unido	<i>Journal of Interpersonal Violence</i>	2021
Gámez-Guadix, Manuel; Mateos-Pérez, Estibaliz; Wachs, Sebastian; Wright, Michelle; Martínez, Jone; Íncera, Daniel; Gámez-Guadix, Manuel; Mateos-Pérez, Estibaliz;	<i>Assessing image based sexual abuse: Measurement, prevalence, and temporal stability of sextortion and nonconsensual sexting ("revenge porn") among adolescents</i>	Espanha	<i>Journal of Adolescence</i>	2022
Reed, Elizabeth; Salazar, Marissa; Behar, Alma I.; Agah, Niloufar; Silverman, Jay G.; Minnis, Alexandra M.; Rusch, Melanie L.A.; Raj, Anita;	<i>Cyber Sexual Harassment: Prevalence and association with substance use, poor mental health, and STI history among sexually active adolescent girls</i>	Estados Unidos	<i>Journal of Adolescence</i>	08/2019
Reed, Lauren A.; Conn, Kourtney; Wachter, Karin;	<i>Name-calling, jealousy, and break-ups: Teen girls' and boys' worst experiences of digital dating</i>	Estados Unidos	<i>Children & Youth Services Review</i>	2020
Ellyson, Alice M.; Adhia, Avanti; Lyons, Vivian H.; Rivara, Frederick P.;	<i>Prevalence, age of initiation, and patterns of co-occurrence of digital dating abuse behaviors nationwide.</i>	Estados Unidos	<i>Children & Youth Services Review</i>	2021
Cava, María-Jesús; Martínez-Ferrer, Belén; Buelga, Sofía; Carrascosa, Laura;	<i>Sexist attitudes, romantic myths, and offline dating violence as predictors of cyber dating violence perpetration in adolescents</i>	Espanha	<i>Computers in Human Behavior</i>	2020
Stonard, Karlie E.;	<i>"Technology was designed for this": Adolescents' perceptions of the role and impact of the use of technology in cyber dating violence</i>	Reino Unido	<i>Computers in Human Behavior</i>	2020

Fonte: Elaboração própria

Os artigos foram publicados entre 2019 e 2022. Os anos de maior concentração de publicações foram 2020 (n=7) e 2021 (n=7). Seguidos por 2022 (n=6), e por 2019 (n=1). Em relação à base de dados, oito foram publicados na *Scopus*, seis na *CINAHL*, cinco na *MEDLINE*, e dois na *Psyc INFO*. Quanto ao delineamento metodológico, 16 artigos eram quantitativos, três eram qualitativos e dois adotaram métodos mistos.

A análise dos dados dos estudos quantitativos foi feita por meio de modelos estatísticos, que mensuraram as variáveis e calcularam a prevalência do fenômeno da ciberviolência. Nos três estudos qualitativos foi utilizada a técnica de análise temática de conteúdo proposta por Braun e Clarke (2013) ⁽²⁰⁾.

Os resultados foram agrupados nas categorias empíricas: Tecnologia como facilitadora da violência; ciberviolência por parceiro íntimo; abuso sexual baseado em imagem; adolescência atravessada pela ciberviolência; interface entre a ciberviolência e a saúde.

Tecnologia como facilitadora da violência

Fazem parte desta categoria dois estudos. Ambos destacam a natureza perturbadora do abuso tecnológico e do assédio sexual online, e ressaltam o poder e influência exercidos pelos agressores ^(21, 22).

Ciberviolência por parceiro íntimo

Foram incluídos sete estudos nesta categoria, que empregam diferentes terminologias em inglês relacionadas à ciberviolência por parceiro íntimo, como *Cyber Dating Abuse*, *Cyber Dating Victimization and Perpetration*, *Electronic Dating Violence*, *Dating Violence* e *Digital Dating Abuse*. No entanto, para fins de consistência, neste estudo será adotada a denominação "ciberviolência por parceiro íntimo" em referência aos estudos que abordam essa temática.

As pesquisas que compõem essa categoria demonstram que a maioria dos jovens participantes dos estudos vivenciou algum tipo de ciberviolência por parte do parceiro íntimo ^(23, 24) e considera esses comportamentos prejudiciais ⁽²⁵⁾. Além disso, a exposição à ciberviolência aumenta a probabilidade de ocorrer violência offline, envolvendo abusos psicológicos, emocionais, verbais e físicos ⁽²⁶⁾. Também foi constatado que a falta de apoio social aumenta a probabilidade de ser vítima e perpetrador de ciberviolência por parceiro íntimo ⁽²⁷⁾.

Abuso sexual baseado em imagem

Fazem parte desta categoria quatro publicações que demonstram que abuso sexual baseado em imagem é uma forma de ciberviolência que envolve a vitimização e a perpetração. Ocorre através da criação não consensual de fotos ou vídeos íntimos, distribuição não consensual desses conteúdos ou ameaças de compartilhamento ^(28, 9).

Tanto homens quanto mulheres podem ser vítimas, mas as mulheres enfrentam um maior risco de vitimização. Muitas vezes, as vítimas, especialmente as mulheres, não procuram ajuda devido ao constrangimento, medo ou estigma associado. As principais motivações para o compartilhamento não consensual foram busca de conselhos, diversão/brincadeira, discussão

e exibicionismo ^(29, 30). Em estudos com adolescentes, há maior prevalência de envio ou recebimento de imagens sexuais sem consentimento ⁽⁹⁾.

Adolescência atravessada pela ciberviolência

A população adolescente, entre dez e 19 anos, constitui a amostra de nove dos 21 artigos incluídos neste estudo. Constata-se que pelo menos um terço dos participantes das pesquisas relatou ter sofrido algum tipo de ciberviolência ^(31, 32, 33). A forma mais prevalente foi o controle do parceiro exercido de maneira digital seguido da agressão cibernética⁽³¹⁾.

Interface entre a ciberviolência e saúde

A relação da ciberviolência com algum aspecto da saúde foi abordada em 11 artigos. As vítimas percebem que o impacto do abuso se estende mesmo após deixar o relacionamento, resultando em graves repercussões a longo prazo ⁽²²⁾. Foi observado, que a vitimação por ciberviolência está associada à vulnerabilidade psicossocial, especialmente as meninas, que apresentam maior humor depressivo, solidão emocional, risco de transtornos de humor e ideação suicida ^(31, 34, 25).

Além disso, a vitimização por abuso sexual baseado em imagem está relacionada a efeitos negativos na saúde física e mental, como sintomas somáticos, baixo bem-estar psicológico e maior risco de transtornos mentais ⁽²⁹⁾. Foi observada também associação entre ciberviolência e comportamentos de uso de substâncias, como consumo de álcool e drogas, além de uma maior prevalência de Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs) ⁽³⁵⁾.

DISCUSSÃO

A análise dos artigos demonstrou que a ciberviolência por parceiro(a) íntimo(a) faz parte da realidade de adolescentes ^(31, 32, 33, 36, 39) e adultos jovens ^(23, 24, 25, 26, 27) de ambos os sexos e dos diversos países nos quais foram realizados os estudos.

Trata-se de um fenômeno de elevada magnitude ^(24, 27, 30, 37) caracterizado pela perpetração e vivência de diversos tipos de violência ^(38, 28, 25) tanto por parte dos homens e meninos quanto das mulheres e meninas ^(39, 40).

Em relação a violência por parceiro(a) íntimo(a) adolescente, uma investigação que teve como amostra 604 adolescentes, revelou que aproximadamente metade dos adolescentes relatou ter sofrido comportamentos de controle digital por parte do parceiro, sendo que um terço sofreu ocasionalmente e mais de um em cada 10 sofreu frequentemente ⁽³¹⁾.

O estudo de Hinduja e Patchin (2020) ⁽³²⁾ obteve uma amostra nacional de 5.539 estudantes dos EUA, a pesquisa revelou que 28,1% dos adolescentes foram vítimas desse tipo

de violência, enquanto 35,9% foram vítimas de abuso offline por parceiro íntimo. Houve uma correlação significativa entre as formas digitais e tradicionais de abuso, com a maioria das vítimas de abuso online também sofrendo abuso offline. Os meninos apresentaram uma probabilidade significativamente maior de experimentar ciberviolência por parceiro íntimo (32,3%) em comparação com as meninas (23,6%).

Esses resultados reforçam as descobertas do estudo de CAVA et al. (2020b) ⁽³⁶⁾, que identificou que os meninos relataram maior incidência de vitimização por agressão cibernética em seus relacionamentos românticos. Também vão ao encontro dos dados obtidos por Linares et al. (2021) ⁽²⁴⁾ e Lozano-Martinez et al. (2022) ⁽³³⁾, que identificaram que os participantes do sexo masculino também se perceberam como mais controlados por suas parceiras.

A diferença de gênero mencionada levanta várias questões, uma das quais já foi explorada pelos autores em um dos estudos ⁽³²⁾, que argumentaram que jovens de um determinado sexo podem usar comportamentos mais típicos do sexo oposto ao lidar com conflitos em relacionamentos. Especificamente, as meninas podem usar mais violência contra seus namorados na tentativa de resolver seus problemas relacionais, enquanto os meninos podem tentar conter iniciativas agressivas ao lidar com desentendimentos com suas parceiras ⁽³²⁾. Por outro lado, pesquisas sugerem que as meninas, que são mais propensas a sofrer violência física, recorrem a comportamentos violentos verbais, psicológicos e digitais como forma de defesa ^(41, 36, 40).

No entanto, ao analisar essa questão sob à luz da categoria gênero, surgem novas possibilidades de interpretação. Há que se questionar se as meninas realmente praticam mais ciberviolência ou se, devido a questões relacionadas ao gênero, elas são menos propensas a relatar a ocorrência desse tipo de violência em comparação aos meninos. Nesse contexto, é importante considerar a normalização da violência, uma vez que diversos comportamentos e formas de tratamento que perpetuam a inferiorização das mulheres em relação aos homens são aceitos e até mesmo encorajados pela sociedade nas interações entre meninos e meninas ⁽⁴²⁾.

Em vista disso, o estudo de Linares et al. (2021) ⁽²⁴⁾ encontrou uma associação moderada entre atitudes sexistas e justificção da violência com a agressão digital em casais de adultos jovens. Participantes com crenças sexistas mais fortes e maior naturalização da violência apresentaram níveis mais altos de vitimização e perpetração de agressão e controle digital do parceiro. Além disso, aqueles que consideravam o sexismo impossível ou difícil de superar devido à natureza humana e às diferenças biológicas entre os sexos sentiam-se mais controlados por sua parceira. Os homens apresentaram pontuações mais altas para atitudes sexistas e justificção da violência.

Um outro estudo destaca a naturalização e aceitação da violência, embora tenha sido realizado com jovens árabes e, portanto, sujeito a diferentes formas culturais. No entanto, seus resultados evidenciam questões importantes de gênero relacionadas à percepção e ao impacto da violência entre os jovens. Esses resultados apontam que as mulheres são responsabilizadas pelos abusos nos relacionamentos. Além disso, foi observado que nenhuma das participantes vítimas de ciberviolência buscou ajuda da família devido ao medo de serem mortas ou expulsas da universidade, e por perceberem que continuariam sofrendo múltiplas formas de abuso ⁽²⁶⁾.

A violência contra as mulheres na Jordânia, cenário da pesquisa, surge através do controle coercitivo e das desigualdades de poder entre homens e mulheres em uma sociedade patriarcal, que impõe papéis de gênero masculinos rígidos. Os homens são incentivados a mostrar agressividade, adotar comportamentos controladores e promover discriminação de gênero com base em estereótipos, enquanto as mulheres são ensinadas a aceitar e se submeter aos homens. Essa ideologia expõe as mulheres à exploração e ao abuso, tanto no mundo real quanto no virtual ⁽²⁶⁾.

Por outro lado, para Borrajo, Gámez-Guadiz e Calvete (2015) ⁽⁸⁾, a naturalização da ciberviolência pode estar relacionada aos mitos que envolvem a construção social do amor romântico. Adolescentes e jovens que têm uma visão idealizada sobre a construção de um relacionamento afetivo e/ou sexual podem interpretar determinados comportamentos abusivos como aceitáveis e até mesmo como expressão de preocupação e amor, como por exemplo, o controle digital.

A pesquisa de Salerno-Ferraro (2021) ⁽²¹⁾ revela que o abuso sexual baseado em imagem também pode envolver convites para trocar fotos explícitas e ofertas de dinheiro em troca de favores sexuais. Esse comportamento pode estar relacionado a concepções de direito sexual por parte dos homens. Além disso, demonstra que os homens tendem a superestimar o interesse sexual das possíveis parceiras. As mulheres são socializadas a aceitar ou ignorar comentários sexistas e assediadores em ambientes públicos, e agora também estão sendo condicionadas a ignorar ou excluir comentários online e aceitar a possibilidade de receber imagens íntimas não solicitadas e comentários sexualmente degradantes em suas postagens pessoais.

Vários estudos mostraram como os discursos sobre *sexting* entre jovens enquadraram o abuso baseado em imagem como resultado do comportamento tolo, ingênuo e impulsionado por hormônios de adolescentes do sexo feminino, propagando a culpabilização das vítimas ^(34, 29, 8). A auto culpabilização descrita pelos adolescentes nos estudos mostra como a responsabilização de gênero nos discursos sobre *sexting* entre jovens é refletida e reproduzida nas narrativas dos adolescentes sobre sua vitimização. Isso se assemelha às atitudes

compartilhadas e culturalmente aceitas de culpabilização das vítimas em relação a agressão sexual física, que muitas vezes são internalizadas e se transformam em autoacusação nas vítimas-sobreviventes de estupro⁽³⁴⁾.

Em relação aos impactos da ciberviolência na saúde, uma investigação revelou que as meninas relataram maior solidão emocional, humor depressivo e vitimização por *cyberbullying* direta em comparação com os meninos. As que foram frequentemente vitimizadas por agressão cibernética em relacionamentos amorosos apresentaram níveis mais altos de solidão emocional, humor depressivo e vitimização por *cyberbullying* em comparação com aquelas que nunca foram vitimizadas⁽³¹⁾. Por isso, é necessário considerar as diferenças de gênero na vitimização por controle digital para o desenvolvimento de estratégias de enfrentamento mais eficazes.

Esses resultados vão ao encontro com os encontrados por Phillips e Saskatchewan (2022)⁽²⁵⁾, em que as mulheres classificaram os comportamentos de ciberviolência como mais prejudiciais do que os homens, especialmente em relação a comportamentos como pressionar para envolvimento em atos sexuais ou para envio de material sexualmente sugestivo e receber material sexual não solicitado. Além disso, as mulheres e participantes de gênero diverso relataram ser vítimas desses comportamentos com mais frequência do que os homens. Esses resultados indicam uma clara diferença de gênero na percepção do dano e na experiência de vitimização em relação a comportamentos de abuso digital em relacionamentos amorosos.

Os resultados desta revisão indicam que apesar da gravidade da ciberviolência na sociedade e suas consequências negativas para saúde dos jovens, o tema ainda é abordado de forma limitada pelo setor de saúde, muitas vezes sendo considerado exclusivo das áreas de segurança pública e justiça.

Ao analisar os artigos, foi possível compreender a influência da categoria geração na ocorrência da ciberviolência em que adolescentes relataram o medo de buscar ajuda dos adultos^(32, 33, 39). Verifica-se que a subordinação geracional cria uma vulnerabilidade significativa à violência por parceiro íntimo, pois impede o diálogo entre adolescentes e adultos, o qual se mostra essencial para a prevenção e o apoio aos adolescentes no término de relacionamentos violentos.

Uma visão superficial sobre o fenômeno da ciberviolência seria capaz de indicar que a falta de diferenças físicas na internet poderia ajudar a equalizar a dinâmica de poder entre homens e mulheres, no entanto, verifica-se que essas ferramentas acabam reproduzindo e ampliando estereótipos de gênero, que têm impactos físicos, psicológicos, acadêmicos e financeiros na vida dos indivíduos^(43, 26).

Com isso, entende-se que a ciberviolência é uma forma de violência simbólica que utiliza a cultura de exposição e humilhação das mulheres como estratégia. O sistema patriarcal-racista-capitalista se sustenta através do uso da violência, buscando legitimá-la. A violência simbólica, que retira a humanidade da mulher, impregna tanto o subjetivo quanto o objetivo. Esse sistema naturaliza as violências e afeta a saúde física e mental da mulher, retirando sua dignidade, autonomia e humanidade⁽⁴⁴⁾.

Por isso, entende-se que a ciberviolência por parceiro íntimo é uma forma de violência de gênero, resultante de relações de dominação/subordinação moldadas pela construção histórica e social das masculinidades e feminilidades hegemônicas. A presença da ideologia androcêntrica permeia as relações de intimidade, mantendo a desigualdade de poder entre os sexos e reforçando a hegemonia masculina.

Embora recentemente tenha sido estabelecida no contexto brasileiro a Lei de Importunação Sexual, que criminaliza a divulgação não autorizada de conteúdo íntimo e privado, incluindo imagens de nudez ou atos sexuais, seu papel na erradicação da violência de gênero é limitado. Essas leis são formuladas dentro de uma cultura hegemônica que subestima, domina e explora as mulheres, o que torna a aplicação das leis uma ameaça à estrutura de poder estabelecida. Como resultado, tais leis são frequentemente rejeitadas pelas pessoas privilegiadas que não desejam abrir mão de seus privilégios⁽⁴⁴⁾.

Os resultados desta revisão destacaram uma lacuna científica em relação à produção de estudos na área da saúde brasileira sobre essa temática. A escassez de conhecimento científico nacional é estimada como possivelmente relacionada à pouca visibilidade desse fenômeno no Brasil e à falta de medidas efetivas para enfrentá-lo e preveni-lo.

A relevância desta discussão concentra-se no fato de que relacionamentos afetivos e/ou sexuais estabelecidos no meio virtual estão em ascensão. Trata-se de um processo geracional, marcado pela busca e pela manutenção de grupos de pares também virtualmente. A VPI que ocorre no espaço digital pode acontecer de maneira simultânea à VPI perpetrada face-a-face, devido à intersecção da vida digital e real. E, além disso, pode propagar a violência de maneira rápida e permanente por estar atrelada a rede *online*. Por isso, o desenvolvimento de relações digitais e os abusos perpetrados nesse meio necessitam fazer parte de estratégias de enfrentamento da VPI.

CONCLUSÃO

Nos relacionamentos íntimos, a ciberviolência manifesta-se por meio de comportamentos de controle e agressão, sendo o controle mais comum e naturalizado entre os jovens. Além disso, a ciberviolência pode acontecer através do abuso sexual baseado em imagens, que envolve a criação não consensual de fotos ou vídeos íntimos, distribuição não consensual desses conteúdos e ameaças de compartilhamento. O assédio ou importunação sexual também pode ser uma forma de ciberviolência, caracterizada pela sensação de falta de controle das vítimas sobre seu espaço online, aumento do medo e persistência do assédio.

A ciberviolência é um fenômeno de elevada magnitude entre os jovens. À vista disso, a categoria geração desempenha um papel importante na análise deste fenômeno, indo além, a perspectiva geracional é essencial para a prevenção e o enfrentamento de um fenômeno tão complexo como a ciberviolência entre parceiros íntimos jovens. É fundamental que os jovens sejam capazes de reconhecer e questionar a violência. Além de fornecer informações sobre o tema, é essencial criar espaços de escuta e diálogo, respeitando as perspectivas e experiências dos jovens.

A maioria dos estudos analisados reconhece as diferenças de gênero na vitimação e perpetração da violência, porém não abordam o fenômeno sob essa perspectiva. A análise a partir da ótica de gênero busca superar a concepção unicausal, linear, patologizante e reducionista da violência contra a mulher, além de desconstruir estereótipos de gênero e evitar a revitimização das mulheres. Adicionalmente, os resultados deste estudo revelam que as ferramentas digitais reproduzem e ampliam estereótipos de gênero, causando impactos físicos, emocionais e financeiros dos indivíduos.

As reflexões proporcionadas por este estudo têm implicações significativas para a área da saúde, fortalecendo o reconhecimento da ciberviolência entre parceiros íntimos na juventude como uma forma de violência baseada em estereótipos de gênero que normalizam sua ocorrência desde os primeiros relacionamentos afetivos e sexuais. Esses padrões podem perpetuar esse fenômeno nos relacionamentos vividos na vida adulta. Além disso, os resultados deste estudo destacam a necessidade de incluir essa questão como foco de atenção nas ações de saúde direcionadas aos jovens, buscando práticas de assistência que possam mitigar os impactos negativos que a ciberviolência jovem têm nos projetos de vida desses indivíduos.

REFERÊNCIAS

1. World Health Organization. Global and regional estimates of violence against women: prevalence and health effects of intimate partner violence and non-partner sexual violence. Geneva: WHO; 2013.

2. Gebrewahd GT, Gebremeskel GG, Tadesse DB. Intimate partner violence against reproductive age women during COVID-19 pandemic in northern Ethiopia 2020: a community-based cross-sectional study. *Reprod Health*. 2020 Oct 7;17(1):152.
3. World Health Organization. Preventing intimate partner and sexual violence against women: taking action and generating evidence. London School of Hygiene and Tropical Medicine. Geneva: WHO; 2010.
4. Lucena KDT, Vianna RPT, Nascimento JA, Campos HFC, Oliveira ECT. Association between domestic violence and women's quality of life. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*. 2017;25:e2901.
5. Gibbs A, et al. Prevalence and factors associated with recent intimate partner violence and relationships between disability and depression in postpartum women in one clinic in eThekweni Municipality, South Africa. *PLoS One*. 2018;12(7).
6. Mendonça MFS, Ludemir AD. Violência por parceiro íntimo e incidência de transtorno mental comum. *Revista de Saúde Pública*. 2017;51:1-8.
7. Hellevik PM. Teenagers' personal accounts of experiences with digital intimate partner violence and abuse. *Computers in Human Behavior*. 2019;92:178–187.
8. Borrajo E, Gámez-Guadix M, Pereda N, Calvete E. The development and validation of the cyber dating abuse questionnaire among young couples. *Computers in Human Behavior*. 2015;48:358–365.
9. García-Sánchez PV, et al. Apego Y Ciber-Violencia En La Pareja De Adolescentes. *International Journal of Developmental and Educational Psychology*. *Revista INFAD de Psicología*. 2017;2(1).
10. Semenza DC. Gender Differences in the Victim-Offender Relationship for On- and Offline Youth Violence. *J Interpers Violence*. 2021;36(19-20):9255-9276. doi: 10.1177/0886260519864358. Epub 2019 Aug 2. PMID: 31370739.
11. Ybarra ML, Price-Feeney M, Lenhart A, Zickuhr K. Intimate partner digital abuse. Data & Society Research Institute. [Internet]. 2017. [cited 2023 Apr 20].
12. Burke SC, Wallen M, Vail-Smith K, Knox D. Using technology to control intimate partners: An exploratory study of college undergraduates. *Computers in Human Behavior*. 2011;27:1162-1167.
13. Martinez-Pecino R, Durán M. I love you but I cyberbully you: The role of hostile sexism. *Journal of Interpersonal Violence*. 2019;34:812-825.
14. Patel U, Roesch R. The Prevalence of Technology-Facilitated Sexual Violence: A Meta-Analysis and Systematic Review. *Trauma, Violence, & Abuse*. 2022;23(2):428–443.
15. Sumra M, Asghar S, Khan KS, Fernández-Luna JM, Huete JF, Bueno-Cavanillas A. Smartphone Apps for Domestic Violence Prevention: A Systematic Review. *International Journal of Environmental Research and Public Health*. 2023;20(7):5246.
16. World Health Organization. Adolescent Health. Available from: https://www.who.int/health-topics/adolescent-health#tab=tab_1.

17. Brasil. Lei nº 12.852, de 05 de agosto de 2013. Institui o Estatuto da Juventude e dispõe sobre os direitos dos jovens, os princípios e diretrizes das políticas públicas de juventude e o Sistema Nacional de Juventude - SINAJUVE. Diário Oficial da União. 2013 Aug.
18. Brasil. Lei n. 13.718, de 24 de setembro de 2018. Available from: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2015-2018/2018/lei/L13718.htm. Accessed Aug 10, 2019.
19. Scott J. Gênero: uma categoria útil para análise histórica. Recife: SOS corpo; 1991.
20. Braun V, Clarke V. Successful qualitative research: A practical guide for beginners. Los Angeles, CA: Sage; 2013.
21. Salerno-Ferraro AC, Erentzen C, Schuller RA. Young Women's Experiences With Technology-Facilitated Sexual Violence From Male Strangers. *Journal of Interpersonal Violence*. 2022;37(19–20):NP17860–NP17885.
22. Fiolet R, Brown C, Wellington M, Bentley K, Hegarty K. Exploring the Impact of Technology-Facilitated Abuse and Its Relationship with Domestic Violence: A Qualitative Study on Experts' Perceptions. *Global Qualitative Nursing Research*. 2021;8. doi:10.1177/23333936211028176.
23. Ellyson AM, Adhia A, Lyons VH, Rivara FP. Prevalence, age of initiation, and patterns of co-occurrence of digital dating abuse behaviors nationwide. *Child Youth Serv Rev*. 2021 Mar;122:105921.
24. Linares R, Aranda M, García-Domingo M, Amezcua T, Fuentes V, Moreno-Padilla M. Cyber-dating abuse in young adult couples: Relations with sexist attitudes and violence justification, smartphone usage and impulsivity. *PLoS ONE*. 2021;16(6):e0253180.
25. Abby R. Phillips & Bridget Klest. Examining the perceived harms of digital dating abuse: a university sample. *Journal of Youth Studies*. 2022.
26. Alsawalqa RO. Evaluating Female Experiences of Electronic Dating Violence in Jordan: Motivations, Consequences, and Coping Strategies. *Front Psychol*. 2021 Nov 30;12:719702.
27. VÍllora B, Navarro R, Yubero S. The Role of Social-Interpersonal and Cognitive-Individual Factors in Cyber Dating Victimization and Perpetration: Comparing the Direct, Control, and Combined Forms of Abuse. *Journal of Interpersonal Violence*. 2021;36(17–18):8559–8584.
28. Henry N, Flynn A, Powell A. Technology-Facilitated Domestic and Sexual Violence: A Review. *Violence Against Women*. 2020;26(15-16):1828–1854.
29. Ruvalcaba Y, Eaton AA. Nonconsensual pornography among U.S. adults: A sexual scripts framework on victimization, perpetration, and health correlates for women and men. *Psychology of Violence*. 2020;10(1):68–78.
30. Walker K, Sleath E, Hatcher RM, Hine B, Crookes RL. Nonconsensual Sharing of Private Sexually Explicit Media Among University Students. *Journal of Interpersonal Violence*. 2021;36(17-18):NP9078-NP9108.

31. Cava MJ, Tomás I, Buelga S, Carrascosa L. Loneliness, Depressive Mood and Cyberbullying Victimization in Adolescent Victims of Cyber Dating Violence. *Int J Environ Res Public Health*. 2020;17(12):4269.
32. Hinduja S, Patchin JW. Digital Dating Abuse Among a National Sample of U.S. Youth. *Journal of Interpersonal Violence*. 2021;36(23–24):11088–11108.
33. Lozano-Martínez J, Castillo-Reche IS, Morales-Yago FJ, Ibáñez-López FJ. Control Violence Begins in Adolescent Dating: A Research from Students' Perception. *Int J Environ Res Public Health*. 2022;19(15):8974.
34. Mandau MBH. “Snaps”, “screenshots”, and self-blame: A qualitative study of image-based sexual abuse victimization among adolescent Danish girls. *Journal of Children and Media*. 2021;15(3):431-447.
35. Reed E, Salazar M, Behar AI, Agah N, Silverman JG, Minnis AM, Rusch MLA, Raj A. Cyber Sexual Harassment: Prevalence and association with substance use, poor mental health, and STI history among sexually active adolescent girls. *J Adolesc*. 2019 Aug;75:53-62.
36. Cava MJ, Martínez-Ferrer B, Buelga S, Carrascosa L. Sexist attitudes, romantic myths, and offline dating violence as predictors of cyber dating violence perpetration in adolescents. *Computers in Human Behavior*. 2020;111:106449.
37. Wirawan GBS, Hanipraja MA, Chrysanta G, Imtaza N, Ahmad KT, Marlina I, Mahendra D, Larosa AT. Anxiety and prior victimization predict online gender-based violence perpetration among Indonesian young adults during COVID-19 pandemic: cross-sectional study. *Egypt J Forensic Sci*. 2022;12(1):31.
38. Stonard K. "Technology was designed for this": Adolescents' perceptions of the role and impact of the use of technology in Cyber Dating Violence. *Computers in Human Behavior*. 2019 Nov 01;105.
39. Reed L, Conn K, Wachter K. Name-calling, Jealousy, and Break-ups: Teen Girls' and Boys' Worst Experiences of Digital Dating. *Children and Youth Services Review*. 2019 Dec 01;108.
40. Díaz-Aguado MJ, Martínez-Arias R. Types of Male Adolescent Violence Against Women in Three Contexts: Dating Violence Offline, Dating Violence Online, and Sexual Harassment Online Outside a Relationship. *Front Psychol*. 2022 Mar 9;13:850897.
41. Brancaglioni BCA, Fonseca RMGS. Violência por parceiro íntimo na adolescência: uma análise de gênero e geração. *Rev Bras Enferm*. 2016;69(5):946-55.
42. Oliveira RNG, Gessner R, Brancaglioni BCA, Fonseca RMGS, Egry EY. Preventing violence by intimate partners in adolescence: an integrative review. *Rev Esc Enferm USP*. 2016;50(1):134-43.
43. Reed LA, Tolman RM, Ward LM. Gender matters: Experiences and consequences of digital dating abuse victimization in adolescent dating relationships. *J Adolesc*. 2017 Aug;59:79-89. doi: 10.1016/j.adolescence.2017.05.015. PMID: 28582653.
44. Sousa L de M, Alberto M de F P. Exposição íntima online: experiências de mulheres brasileiras e seu acesso a políticas públicas. *Estudos De Psicologia (Natal)*. 2023;27(1):57–67.